

DEFICIENTE VISUAL – UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA OU EXCLUSIVA?

[Índice](#) [home](#) [Autores deste número](#)

Mariana de Cássia Mauro de Camargo Moraes Dardes

Atualmente tem se falado e discutido muito sobre inclusão. Esse assunto permeia vários segmentos e não diz respeito somente as pessoas com deficiência, mas a todos da sociedade, enquanto cidadãos com direito de igualdade, oportunidade e de acesso aos recursos disponibilizados. O segmento que nos chama atenção é o educacional, partindo do princípio que vivemos em uma sociedade dita democrática, que nesse prisma almeja uma educação de qualidade para todos.

Ao pensarmos em inclusão, automaticamente nos vem a ideia de exclusão. De acordo com Sawaia (2006) esses conceitos são faces de uma mesma moeda, visto que a busca por essa inclusão só é válida diante da exclusão presente. Compreendemos que essa dicotomia se dá devido a nossa cultura, ao nosso processo histórico e a alguns conceitos formados como: perfeição, normal, anormal, deficiente, etc. que permanecem enraizados em algumas pessoas, criando uma enorme barreira entre o aluno com necessidades especiais e o desenvolvimento e aprendizagem.

Para combater essa exclusão que surge a ideia da educação inclusiva. Esta baseia-se no direito de cada indivíduo constatado na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Art. 26 / 1948) e na Declaração de Salamanca (Conferência Mundial, 1994). Nesses documentos a educação é compreendida como um direito fundamental de todas as crianças, jovens e adultos, seja quais forem suas idades, sexo, etnia, religião, condição socioeconômica ou deficiência.

Nessa perspectiva, ao pesquisarmos especificamente sobre deficiência visual, sentimos a necessidade de analisar como pode ocorrer a inclusão dessa criança na rede regular de ensino. Para isso, esse artigo tem como objetivo informar o que é deficiência visual, os recursos existentes, quais instituições que trabalham para ajudar essas pessoas a superar os desafios e as barreiras que encontramos na sociedade, além de pretender abordar o que já foi construído nessa área.

Segundo um livro do MEC, elaborado pela Profª Bruno (2006), as crianças que muitos denominam como deficientes visuais são as crianças cegas e com baixa visão. A definição educacional diz que são cegas as crianças que não têm visão suficiente para aprender a ler em tinta e necessitam, portanto, utilizar outros sentidos (tátil, auditivo, olfativo, gustativo e cinestésico) no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. O acesso à leitura e escrita dar-se-á pelo sistema braile. Entre estas crianças, há as que não podem ver nada, outras que têm apenas percepção de luz, algumas podem perceber claro, escuro e delinear algumas formas. A mínima percepção de luz ou de vulto pode ser muito útil para a orientação no espaço, movimentação e habilidades de independência.

De acordo com Bruno (2006), as crianças com baixa visão (anteriormente denominadas com visão parcial ou visão subnormal) são as que utilizam seu pequeno potencial visual para explorar o ambiente, conhecer o mundo e aprender a ler e escrever. Essas crianças se diferenciam muito nas suas possibilidades visuais. Embora necessitem aprender a utilizar a visão da melhor forma possível, podem também utilizar os outros sentidos, ao mesmo tempo, para a aprendizagem, aquisição de conceitos e construção do conhecimento. A maior parte dessas crianças já nasce com essa condição em decorrência de doenças congênitas ou hereditárias. Outras crianças podem adquiri-la mais tarde.

Se a criança torna-se deficiente visual após os cinco anos de idade, provavelmente já terá desenvolvido praticamente todo seu potencial visual, poderá conservar imagens e memória visual. As crianças que nascem cegas ou perdem a visão muito cedo terão suas necessidades de aprendizagem diferentes daquelas das demais crianças. Muitas vezes, a perda da visão ocasiona a extirpação do globo ocular e a conseqüente necessidade de uso de próteses oculares em um dos olhos ou em ambos. Se a falta da visão afetar apenas um dos olhos (visão monocular), o outro assumirá as funções visuais sem causar transtornos significativos no que diz respeito ao uso satisfatório e eficiente da visão.

É por meio da percepção tátil que a criança com deficiência visual percebe e interpreta a sua realidade. Portanto, o uso do tato como mecanismo de contato com o mundo, se

faz necessário muito treino e ensino, pois as informações percebidas são menos refinadas do que a visão. A evolução dessa percepção sensorial contribui para desenvolver habilidades e avanço no desenvolvimento cognitivo.

Em relação à construção de uma educação realmente inclusiva, Reis (2010) menciona que - inclusão é um tema bastante polêmico, pois fundamenta-se em princípios étnicos, no reconhecimento, no respeito e igualdade perante essa diversidade. Além disso, garante o atendimento e o acesso imediato e contínuo aos lugares comuns, como, por exemplo, a escola.

No processo inclusivo, a autora acredita que o professor, o coordenador e o diretor devem trabalhar juntos utilizando a mesma linha pedagógica, num trabalho que deve ser realizado em conjunto. As ações das escolas devem ser analisadas, assim como a participação de seus gestores em função de todo um conjunto de ensino e práticas inclusivas.

Segundo Reis (2010), hoje em dia existem inúmeras tecnologias desenvolvidas para dar autonomia e funcionalidade à pessoa portadora de deficiência. Estas são pessoas capazes de cuidar de si e do outro, pessoas conscientes, críticas e com poder de decisões.

O conceito de Inclusão surge para ensinar essa geração o pensamento inclusivo, o sentimento inclusivo e a atitude inclusiva. Tudo isso para que um dia a Inclusão desapareça, pois atrelada a ela está à exclusão sofrida. Esperamos que no futuro estejamos conscientizados que todos nós somos diferentes e que isso é ser normal. É um sonho possível, e um dia alcançaremos uma educação igual para todos, dentro de suas diferenças, porém unidos por um ideal.

Diante dessa realidade percebemos a importância da escola e o papel do professor no desenvolvimento dessas crianças. Algumas instituições de ensino têm visto a inclusão com muita naturalidade e isso já é um grande avanço. Segundo a edição especial da

Revista Pandora Brasil

Revista Pandora Brasil Nº 24 – Novembro de 2010
“Inclusão em Educação: Caminhos, Políticas e Práticas”

revista Guia Escolar, n.2/ 2010, em 2007 as matrículas desses alunos correspondiam a 34,4% do total de matriculados, em 2008, elas subiram para 54%, segundo o censo escolar. Entretanto, devemos refletir sobre o conceito de inclusão, que significa muito mais do que estar junto, ou seja, não se reduz somente a frequência do aluno na escola.

É preciso a colaboração e empenho de todos na remoção de preconceitos que prejudicam a aprendizagem de todos os alunos, sendo deficientes ou não. A garantia da Inclusão vai além do espaço físico. É preciso repensar a prática pedagógica, ou seja, flexibilizar o currículo para que todos aprendam. Além disso, deve-se prever a presença de profissionais especializados, como tradutores de Braille, que acompanhe o desenvolvimento desse aluno, no horário pós-aula e faça as traduções para o português e vive-versa.

O Braille é um sistema universal de códigos que permite a leitura e a escrita das pessoas cegas. Foi criado na França, em 1825, por um estudante cego Louis Braille. Baseia-se na combinação de 63 pontos que representam as letras do alfabeto, os números e outros símbolos gráficos. A combinação dos pontos é obtida pela disposição de seis pontos básicos, organizados espacialmente em duas colunas verticais com três pontos à direita e três à esquerda de uma cela básica denominada cela Braille.

A escrita em Braille, codificação em relevo é feita por meio de uma reglete e punção, por uma máquina de escrever Braille ou computador adaptado. Os profissionais da área podem aprender o Braille através de cursos, oficinas ou outras alternativas disponíveis. Uma dessas alternativas é o *Braille Virtual*, um curso *on-line*, criado e desenvolvido por uma equipe de profissionais da Universidade de São Paulo – USP – com o objetivo de possibilitar o aprendizado do sistema Braille de forma simples, gratuita e lúdica.

Revista Pandora Brasil

Revista Pandora Brasil Nº 24 – Novembro de 2010
“Inclusão em Educação: Caminhos, Políticas e Práticas”

O programa para *download* está disponível em: <http://www.braillevirtual.fe.usp.br>. Assim como o Dosvox, um sistema gratuito, que vem se desenvolvendo desde 1993 pela UFRJ e que possibilita as pessoas cegas utilizarem um computador comum para desenvolver uma série de atividades. Isso já está disponível na internet <http://intervox.nce.ufrj.br/m/download.htm>.

Hoje existem inúmeras associações que auxiliam pessoas portadoras de deficiência visual, que vão desde trabalhos sociais, cursos, palestras, impressões de livros, até parcerias com empresas para contratação imediata. Um exemplo é o trabalho de mais de seis décadas da Fundação Dorina Nowill para Cegos que tem se dedicado à inclusão social das pessoas com deficiência visual, por meio da educação e cultura, atuando na produção de livros em Braille, livros e revistas falados e obras acadêmicas no formato Digital Acessível, distribuído gratuitamente para pessoas com deficiência visual e para centenas de escolas, bibliotecas e organizações de todo o Brasil. Tudo para a pessoa com deficiência visual, ter o acesso garantido à literatura, ao estudo ou entretenimento que é uma questão primordial em seu desenvolvimento pessoal.

A Laramara – Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual é uma organização da sociedade civil que visa apoiar a inclusão educacional e social da pessoa com deficiência visual: cegos, baixa-visão ou múltipla deficiência. É um espaço de referência no trabalho em parceria com a família, escola e comunidade para a promoção do processo de aprendizagem e desenvolvimento da pessoa com deficiência visual. As ações da instituição incluem avaliação oftalmológica especializada, avaliação das necessidades educacionais especiais referentes à deficiência visual e atendimento específico de crianças e jovens vindos de todo o Brasil. Ao final do presente artigo podemos encontrar informações sobre as duas entidades acima citadas.

Ao refletirmos sobre a questão da cegueira, entendemos para que a inclusão pedagógica se faça presente, é preciso uma mudança de paradigma sobre a pessoa com deficiência.

Vygotsky (1926/1993) em seus estudos sobre defectologia – estudo da deficiência propõe uma mudança de paradigma em relação à visão de defeito ou falta, por um olhar social.

Essa visão de déficit ou de incapacidade, julgamento preconceituoso que tem como base um padrão normalizador, desenvolve nas crianças com deficiência um complexo de inferioridade que automaticamente as exclui da sociedade. Para o autor, deve-se deixar de lado aquilo que a criança não tem no caso do cego a visão, pois isso é fruto de uma educação inadequada. Assim, os métodos educacionais devem ser repensados permitindo um desenvolvimento semelhante ao das crianças não deficientes.

Esse é o quadro alvo da política de inclusão x exclusão, onde é abordada a questão da diferença sob um olhar normalizador. A norma se estabelece como um controle social, visando um padrão no intuito de preservar uma população saudável, perfeita e normal. O conceito de norma deve ser compreendido a partir da relação normal-anormal. Normalizar é impor uma exigência e uma existência. É normal aquilo que é como deve ser, que se encontra na maior parte dos casos e constitui uma característica mensurável. A sociedade define um tipo ideal, constituído como padrão por um grupo dominante e assim estabelece modelos de normalidade, o sujeito normal é o branco, cristão, heterossexual, etc. Excluindo os anormais, através de uma visão patológica, os diferentes seres da sociedade – aqueles que não se encaixam no tipo ideal.

Para ilustrar essa questão recorreremos ao filme “a primeira vista”, baseado em fatos reais, que retrata a vida de Virgil Adamson (Val Kilmer), um homem cujo mundo era a escuridão da cegueira. Cego desde criança, trabalha como massagista em um spa quando conhece e se apaixona por Amy Benic (Mira Sorvino), uma arquiteta estressada e ambiciosa. Amy após a cirurgia crê que o mundo, a seu ver limitado, de Virgil melhoraria muito com uma operação para restaurar sua visão. Amy acaba percebendo que a recém-adquirida visão de Virgil coloca suas vidas sob uma nova perspectiva. Ele não se adapta a nova realidade, os órgãos sensoriais da visão

funcionavam perfeitamente, porém o cérebro não processava a imagem com as noções de forma, tamanho e profundidade, por isso ele não conseguia "ver" com os olhos. Nas pessoas sem problemas de visão, essas adaptações ocorrem gradativamente, desde a infância.

Podemos relacionar o que é discutido no filme com um ponto importante discutido por Vygotsky (1926/1993), trata-se do conceito de compensação como uma nova forma de reorganização do sujeito mediante a falta de um sentido. Em outras palavras, o desenvolvimento do deficiente está relacionado à possibilidade de compensar seu déficit através da interação social. Portanto, o conceito de compensação não possibilita a cura, mas oferece alternativas que certamente contribuirão para o desenvolvimento de áreas potenciais.

Assim, parece-nos que o primeiro passo que se deve dar ao relacionar-se com uma pessoa portadora de deficiência visual é aceitar a deficiência. A pior coisa que se possa sentir é a indiferença, fingir que a deficiência não existe ou sentir pena da pessoa, pois o que ela mais quer é ser tratada com igualdade. Isso não significa que essa pessoa seja melhor ou pior que você. Em decorrência de sua deficiência, possui dificuldade em realizar determinadas tarefas, por outro lado, pode ser que tenha habilidades em realizar outras.

Dessa forma, algumas dicas se fazem importantes. Caso queira ajudar um deficiente, ofereça a ajuda e espere ser aceita, antes de tentar ajudar ou puxar a pessoa pelo braço. Não fique chateado caso essa ajuda for recusada, muitas das tarefas são realizadas por eles com sucesso, sem precisar do auxílio de outra pessoa. Caso sua ajuda como guia seja aceita, coloque a mão da pessoa no seu cotovelo dobrado. Ela irá acompanhar o movimento do seu corpo enquanto você anda. É sempre bom você avisar, antecipadamente, a existência de degraus, pisos escorregadios, buracos e obstáculos em geral durante o trajeto.

Outro fato importante é jamais acariciar um cão-guia como se fosse seu bichinho de estimação, lembre-se que sua função é guiar o cego, portanto não tire sua atenção.

Revista Pandora Brasil

Revista Pandora Brasil Nº 24 – Novembro de 2010
“Inclusão em Educação: Caminhos, Políticas e Práticas”

Ao encontrar uma pessoa cega, devemos falar sempre diretamente com ela e não com terceiros, por exemplo, um acompanhante. Ao caminhar ao lado de uma pessoa usando bengala ou muletas, procure acompanhar seu ritmo.

Quando for se retirar do mesmo local que um cego avise! E lembre-se uma pessoa cega é capaz de fazer quase tudo que as pessoas que enxergam fazem.

Fundação Dorina Nowill para Cegos

Rua Doutor Diogo de Faria, 558 - Vila Clementino - São Paulo/SP

Fone: (11) 5087.0999 / Fax: (11) 5087.0977

www.fundacaodorina.org.br



Dorina morreu com 91 anos de idade, no dia 29 de agosto, a pedagoga estava internada e sofreu uma parada cardíaca. Perseverança, compaixão e paciência são as lições deixadas por esta paulistana, que cega aos 17 anos enxergava o mundo com os olhos da alma.

Laramara – Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual

Rua Conselheiro Brotero 338 - Barra Funda - São Paulo/SP

Fone: (11) 3660.6400 / Fax: (11) 3662.0551

www.laramara.org.br

FOTOS



Cego lendo em Braille

Revista Pandora Brasil

Revista Pandora Brasil Nº 24 – Novembro de 2010
“Inclusão em Educação: Caminhos, Políticas e Práticas”



Filme A Primeira Vista



Cão-Guia



Todos nós conscientizados que somos diferentes e que isso é ser normal. Educação para todos!





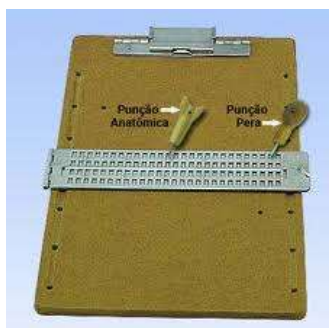
Jogo da memória tátil auxilia no processo de aprendizagem de um deficiente visual.

ACESSIBILIDADE

DIREITO DE TODOS



Áudio livro



Reglete e punção



Reglete e punção

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAWAIA, B. “IDENTIDADE: uma identidade separatista?” *In*: SAWAIA, B. (org.). *As artimanhas da exclusão*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

REIS, Rose. *À FLOR DA PELE – inclusão de crianças com deficiência visual*. 1ª Ed. São Paulo: Cia dos Livros, 2010.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. *EDUCAÇÃO INFANTIL: SABERES E PRÁTICAS DA INCLUSÃO: dificuldades de comunicação sinalização: deficiência visual*. 4. Ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

OLIVEIRA, Marta Khol. *VYGOTSKY – aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. 1ª Ed. São Paulo: Scipione, 2009.

ARANHA, Maria Salete Fábio. *PARADIGMAS DA RELAÇÃO DA SOCIEDADE COM AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA*. Publicado na Revista do Ministério Público do Trabalho. Ano XI, n 21, março 2001. pp. 160-173.

FOGLI, Bianca Fátima Cordeiro dos Santos, FILHO, Lucindo Ferreira da Silva, OLIVEIRA, Margareth Maria Neves dos Santos. *INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO: uma reflexão crítica da prática*. Cortez. pp.107-121

CORRÊA, Vera Lúcia Alves dos Santos, STAUFFER, Anakeila de Barros. *EDUCAÇÃO INCLUSIVA: repensando políticas, culturas e práticas na escola pública*. Cortez. pp.123-140

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

SCHNEIDER, Marlei de F. *O papel da motivação para o aprendizado da leitura e escrita em crianças deficientes, no contexto de sala de aula*. Disponível em www.pedagobrasil.com.br/educacaoespecial/opapeldamotivacao.htm, Acesso em 19/08/2010.

RUSSO, Francisco; CUNHA, Roberto. Editores do site adoro cinema. Disponível em www.adorocinema.com/filmes/a-primeira-vista/, Acesso em 25/10/2010.

Sugestões para quando você encontrar em pessoa com deficiência (2005). Disponível em www.lerparaver.com/ajudadeficientes.html, Acesso em 29/10/2010.

ANDRADE, Marita. *Tecnologia, Educação e Deficiência Visual*. Revista Presença Pedagógica Nº. 75 – (2007) - pág. 40. Disponível em www.bengalalegal.com/presencapedagogica.php, Acesso em 15/09/2010.

ALMEIDA, Marina da S.R. *A Escola Inclusiva do Século XXI: As Crianças Podem Esperar Tanto Tempo*. Instituto Inclusão Brasil, (2007). Disponível em www.bengalalegal.com/seculoxxi.php, Acesso em 15/09/2010.

QUEIROZ, Marco A. de. *História da Educação para Cegos*. AMAC-Associação Macaense de Cegos. Baseado no texto "Educação de Cegos", (2007). Disponível em www.bengalalegal.com/educacegos.php, Acesso em 15/09/2010.

www.fundacaodorina.org.br/FDNC/Quem_Somos.html, Acesso em 30/08/2010.

www.laramara.org.br, Acesso em 30/08/2010.

MINI CURRÍCULO

Mariana de Cássia Mauro de Camargo Moraes Dardes

Estudante do curso de pedagogia do UNIFIEO – Osasco. Trabalhou como voluntária para o Instituto Paulo Freire no Fórum Mundial de Educação Infantojuvenil 2010. Atualmente faz pesquisas sobre deficiência visual e o processo de inclusão dessas pessoas na sociedade.